



190

**Megaron: o conciliador**

**M**egaron conta aos índios (foto maior) o que negociou em Brasília como porta-voz dos caciques (foto menor)

**O TXUCARRAMÃ E QUE SALVOU OS REFÊNS**

BRASÍLIA — Austero sem ser radical, conciliador que sabe definir os limites da autoridade e, acima de tudo, líder que não mede esforços para alcançar seus objetivos. Este pode ser o perfil do índio Megaron, 34 anos, viúvo, pai de três filhos, hoje apontado como um dos principais responsáveis pelo entendimento entre o Governo e os índios Txucarramãe, depois de um impasse de 43 dias. Embora ainda novo, Megaron surge como o verdadeiro conciliador da comunidade indígena.

Seu grande sonho é conseguir que seus três filhos, com idades que variam entre três e nove anos, estudem na cidade para que um deles — “de preferência o mais novo, Paimi, que é mais esperto” — possa um dia ser indicado para a Presidência da Funai ou venha dirigir o Parque Indígena do Xingu.

Na cultura txucarramãe, é escolhido sucessor do cacique o índio que mais se destacar na defesa do grupo. Megaron foi nomeado sucessor natural de Raoni — atual cacique — ainda em sua adolescência. Apesar disto, diz que não pretende aceitar esta nomeação.

— Já expliquei para o meu pessoal que não quero ser cacique porque acho que, estando de fora, vejo melhor as coisas — explica Megaron diz

ter consciência de sua importância como porta-voz dos índios junto ao Governo.

**PELO DIÁLOGO**

— Não tenho raiva dos brancos e acho que todos os problemas podem ser solucionados com o diálogo. Mas muitos caciques velhos já foram enganados pelas autoridades que, ao invés de atenderem às reivindicações, davam presentes como tratores ou dinheiro, aproveitando-se do fato de os caciques não falarem bem o português. Comigo não acontece isto: se eu peço terra, quero terra, não quero trator — prossegue.

**CONFLITO**

Megaron não poupa críticas ao ex-Presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, responsabilizando-o pelo conflito no Parque do Xingu.

— Nenhuma autoridade do governo aceita ser desrespeitada, porque acham que as autoridades indígenas podem ser tratadas como crianças bobas? Não somos chefes de nenhum ministério, mas somos chefes de uma nação — acrescenta.

Não tem, igualmente, qualquer modestia ao afirmar que sua participa-

ção nas negociações foi definitiva para a conquista das reivindicações.

— No primeiro dia, o meu tio Raoni queria ir a Brasília e eu não concordei porque ainda não era hora de começar a conversa. Primeiro tínhamos que esgotar todas as chances de solução lá, no Xingu — conta.

Quando a Polícia Militar do Mato Grosso enviou 60 soldados para o lugarejo de São José do Xingu para proteger a população, Megaron pediu ao Comandante da PM, Coronel Silvério, a retirada da tropa dando, em troca, a garantia de que os índios não atacariam a cidade: foi atendido.

— Durante três vezes os índios quiseram matar os reféns mantidos na aldeia durante 21 dias e eu não deixei. Depois, quiseram invadir as fazendas e eu também não concordei porque a briga era com a Funai, não era com fazendeiros, nem como os reféns — continuou.

Megaron disse que, num futuro bem próximo, gostaria de ver todos os direitos dos povos indígenas sendo respeitados.

Enquanto eu tiver vida, vou lutar por isto — conclui.